



3679 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

Instrumentos de Documentação Pedagógica: concepções e aplicações

Ana Paula Azevedo Furtado - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Ana Carine dos Santos de Sousa Paiva - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

O artigo possui o objetivo de analisar e evidenciar quais as concepções das professoras sobre as práticas avaliativas que realizam, assim como suscitar o debate em torno da temática Documentação Pedagógica na Educação Infantil. A pesquisa mostrou que as professoras possuem concepções pouco claras e muitas dúvidas, apresentaram visões negativas sobre os atos de registrar e avaliar, mas houve também indícios de uma documentação democrática com objetivo de dar voz às crianças.

Palavras-chave: Avaliação; Educação Infantil; Documentação Pedagógica.

Instrumentos de Documentação Pedagógica: concepções e aplicações

Introdução

Esse artigo discorre sobre a concepção de professoras acerca da avaliação e documentação pedagógica na Educação Infantil com ênfase sobre os instrumentos que utilizam para este fim. Trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado e possui o objetivo de analisar e evidenciar quais as concepções das professoras sobre as práticas avaliativas que realizam, assim como suscitar o debate em torno dessa temática.

No município no qual essa pesquisa foi realizada existem documentos oficiais da Secretaria Municipal de Educação que apresentam orientações para as práticas avaliativas em todas as instituições da rede; contudo, cada instituição e as professoras possuem autonomia para elaborar instrumentos próprios para lhes auxiliar nesse processo avaliativo.

Nessa autonomia de professores e professoras incidem suas concepções, seus saberes constituídos ao longo de sua vida. É com o olhar nessa concepção, construída entre orientações formais e "a individualidade psicológica", a partir da qual o professor interpreta e atribui significado, que o modo como cada professor enfrenta as diversas situações didáticas vai sendo formado (PACHECO, 1995, p. 51).

Hoffmann (2012) alerta para o fato de que o processo avaliativo é permeado por sentimentos e percepções dos avaliadores. Ao interpretar suas observações, professores são influenciados por seus valores morais, sua visão de educação, de sociedade e de infância. É em torno dessa compreensão que empreendemos as análises aqui apresentadas.

Desse modo e buscando compreender as práticas avaliativas de cada professora, foram realizadas entrevistas com dezesseis professoras da Educação Infantil sobre como tais práticas aconteciam, quais os instrumentos que as mesmas utilizavam e a frequência com a qual aconteciam.

A Documentação pedagógica como um processo de aprendizagem

Rinaldi (2012), ao tratar as experiências vivenciadas em Reggio Emilia, discorre sobre a visão mais abrangente sobre documentação pedagógica que as escolas dessa região possuem. Segundo a pesquisadora, a avaliação, para os educadores dessa região, constitui-se como parte integrante do processo de construção do conhecimento, tanto das crianças como dos professores. Observar, documentar e interpretar se entrecruzam em um movimento que objetiva dar visibilidade e permitir a partilha dos elementos de valor que emergem do próprio processo. Dessa forma, ela classifica como "impossível, na realidade, documentar sem observar e, obviamente, sem interpretar." (RINALDI, 2012, p. 131).

Dahlberg, Moss e Pence (2003) também chamam atenção para o fato de a documentação pedagógica ser compreendida como uma ação que conduz à práticas pedagógicas reflexivas e democráticas. Segundo esses autores, a documentação pedagógica:

[...] diz respeito principalmente à tentativa de enxergar e entender o que está acontecendo no trabalho pedagógico e o que a criança é capaz de fazer sem qualquer estrutura predeterminada de expectativas e normas [...] ela é uma construção social em que os pedagogos, por intermédio do que selecionam como valioso de ser documentado, são também co-construtores participativos. (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003, p. 192-193).

Desse modo, são evidentes as características de participação, reflexão e democracia presentes nas ações de documentar pedagogicamente.

Instrumentos de avaliação sob a perspectiva das professoras

Ao analisar o conteúdo das entrevistas realizadas com 16 professoras foi possível perceber que as concepções a respeito de avaliação e documentação pedagógica não são totalmente claras. Algumas professoras, ao descreverem suas compreensões sobre avaliação, dão ênfase ao uso de instrumentais, como observação, relatórios, fichas e cadernos de registro.

Hoffmann (2012, p. 15) alerta para esse equívoco e esclarece que “não se deve denominar por avaliação os instrumentos que fazem parte do processo de acompanhamento das crianças”. Instrumentos como pareceres, fichas, relatórios e outras formas de anotações são instrumentos que podem ser utilizados no processo de avaliar, integram o processo, contudo o instrumento em si não pode ser denominado como avaliação.

De acordo com a autora esses instrumentos só adquirem sentido conforme sirvam para tornar o acompanhamento e o fazer pedagógico mais significativos (HOFFMANN, 2012). As professoras P1, P2 e P3, por exemplo, fazem referência à avaliação focando nos instrumentos que utilizam para registrar o acompanhamento que fazem das crianças. A professora P1, por exemplo, faz referência à “prova”, instrumento que historicamente foi o único utilizado como o “medidor do conhecimento” dos alunos, e ainda é utilizado na atualidade como prática de medição do saber.

É importante ressaltar que, além de associarem os instrumentais que utilizam como sinônimo para avaliação, as três professoras descrevem o ato de avaliar como uma relação de competências, como uma listagem dos conhecimentos adquiridos, informar quem faz e quem não faz algo, quem avançou e quem não avançou.

Nesse sentido, esclarece Hoffmann (2012, p. 48) que “a avaliação não pode ser considerada como uma descrição de comportamentos observados ao longo de um período”. Avaliar na Educação Infantil necessita fundamentalmente de reflexão e tomada de atitudes.

A característica de classificação é encontrada na resposta da professora P4, que além da ideia de classificação e julgamento moral das atitudes das crianças, se refere a dinamicidade das crianças como uma característica negativa, que tem dificultado o seu trabalho e a forma da professora avaliar as reações das crianças às atividades propostas. Assim, a avaliação não colabora com a reflexão da professora sobre a sua prática pedagógica, mas sim para classificar as crianças.

Essa prática disciplinar e controladora ainda é muito comum e desconsidera tanto o momento biológico no qual a criança se encontra quanto o protagonismo de suas ações e coloca o professor em local de destaque e domínio (GODOI, 2010).

O caráter de continuidade presente nas práticas avaliativas na Educação Infantil, um aspecto importante da prática avaliativa nessa etapa, foi destacado por quatro professoras (P5, P6, P7 e P8).

As professoras P5, P6 e P7 se referem à continuidade da avaliação, contudo, essas professoras também mostram compreender que esse acompanhamento não se limita a verificar quais conteúdos foram apreendidos pelas crianças ou não, mas ultrapassa essa visão e percebe a criança em vários momentos diferentes da rotina e a visualiza como um ser integral.

As professoras P9 e P10 citam a ação de observar como atitudes presentes em suas práticas avaliativas; contudo, restringem essa prática a atos de observar para registrar.

De fato, a observação é fundamental e deve ser o ponto de partida para o processo de avaliação e o registro configura-se como uma garantia de que os fatos e situações importantes serão considerados como base para o planejamento do trabalho pedagógico (FÜLLGRAF; WIGGERS, 2014).

No entanto, as respostas das professoras sinalizam para uma percepção de avaliação como processo de verificação sobre o que a criança já alcançou, não indicam que essas informações serão retomadas em outro momento.

Contraopondo-se a essa visão, a professora P11 apresentou uma visão de Educação Infantil que leva em consideração todos os aspectos da criança. É possível inferir que a prática da professora P11 é influenciada pela sua escuta das crianças, assim como indicam diversos autores: “a avaliação deve servir basicamente para intervir, modificar e melhorar a nossa prática, a evolução e a aprendizagem.” (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 174).

A professora P11 demonstra uma concepção que considera a criança em sua integralidade e sua concepção de avaliação parece ser coerente com essa visão. Ao informar que respeita a criança e que não a compara com as demais indica a percepção da criança como um sujeito único.

Apenas duas professoras P12 e P13, referem-se a utilização dos dados observados para uma possível ação. Este fato é preocupante, visto que esse aspecto é fundamental. A avaliação deve servir para o aprimoramento da prática pedagógica do professor, de forma a nortear práticas efetivamente significativas que considerem as possibilidades e os interesses de cada criança (HOFFMANN, 2012).

Dois professoras P14 e P15 pontuam um aspecto importante, isto é, o fato da avaliação incidir não apenas sobre as crianças, mas servir também para direcionar um olhar avaliativo sobre o desenvolvimento do próprio trabalho, se constituindo em uma autoavaliação, realizam, de fato, uma “observação no sentido de olhar para o outro e, ao mesmo tempo, para si como indivíduo que educa.” (BECCHI, 2012, p. 7).

Sobre a prática de realizar observação diariamente e registrar essas observações, foi informado por oito professoras, ou seja, 50% delas, o fato de não conseguirem realizar essa prática diariamente.

É oportuno retomar que a observação assim como o registro são ações fundamentais a uma prática avaliativa reflexiva e devem perpassar todos os momentos vividos na instituição de Educação Infantil. O fato relatado por essas professoras de não conseguirem realizar essas ações diariamente é preocupante.

Observar diariamente e documentar esse processo é fundamental, pois observar a criança significa percebê-la, conhecê-la, saber de onde se deve partir, saber que experiências são significativas para cada criança, que descobertas elas estão realizando naquele momento.

Quando um professor informa que não está observando pode significar que as crianças com as quais ele convive não estejam sendo consideradas, ou seja, não estejam sendo sujeitos em seus processos de aprendizagem, que o professor esteja se mantendo no centro dos processos de desenvolvimento e aprendizagens dessas crianças. Nesses contextos podem prevalecer planejamentos rígidos centrados em roteiros julgados como ideais e rotinas inflexíveis.

As dificuldades que as professoras relataram para efetivar os registros versam em torno da dinamicidade da rotina (3), do grande número de crianças (4), dos recursos disponíveis não serem adequados à faixa etária das crianças (1).

Oito professoras informaram que conseguem realizar as observações e registrá-las diariamente, seguindo as orientações disponibilizadas pela SME. Essas observações e registros contemplam um número variado de crianças, que depende da rotina daquele dia. As estratégias utilizadas para efetivar os registros são: fazer escolhas sobre o quê anotar predominando concepções sobre o que é importante ser

registrado; escolha de atividades apenas pelas professoras, o que sinaliza para ações centralizadas na rotina ou em atividades; apresentam uma lista de habilidades e competências alcançadas, privilegiando alguns saberes em detrimento de outros.

As visões apresentadas vão de encontro às orientações de pesquisadores que indicam o emprego da avaliação como momentos de acolhimento às atitudes das crianças em todas as ocasiões, “nas brincadeiras livres ou dirigidas, nos momentos de interação entre as crianças sem a participação dos adultos e nas interações das crianças com os adultos, com a natureza, com os objetos do mundo físico e com os objetos de conhecimento”. O objetivo desses momentos de observação é conhecer cada criança em suas especificidades (MICARELO, 2010, p. 3).

Outras professoras, P1, P9, P11, P12 e P13, também informaram utilizar-se de outras ferramentas – fotos e/ou filmagens – para complementar os registros de suas observações, embora não o façam diariamente. Esse uso de diferentes instrumentos para acompanhar e documentar o desenvolvimento das crianças é indicado em documentos normativos e configura-se como excelente alternativa para evidenciar os processos vividos.

Considerações finais

Concepções sobre avaliar ainda estão impregnadas da visão historicamente concebida da avaliação vista como instrumento de medição: caso não sirva para medir então não se configura como avaliação.

Além disso, em nossa sociedade, encontram-se concepções enraizadas, como as de estabelecer metas desde a infância, preparar as crianças para o futuro, que são difíceis de serem questionadas, pois vivemos em uma sociedade excludente que valoriza a disputa, vivemos modelos escolares que incentivam a competição, no entanto, é função da escola questionar tais valores e chamar a atenção para a criança, para as suas necessidades, desejos, curiosidades em cada momento da infância.

Desse modo, percepções de avaliação como ações negativas talvez sejam resultados da falta de discussões sobre essa temática, sobretudo na Educação Infantil e derivadas de conhecimentos e/ou experiências em outra etapa da educação básica.

É necessário refletir sobre essa concepção negativa a respeito da avaliação, uma vez que tal concepção interfere na conscientização de que a avaliação deve ser usada “a favor da criança, na medida em que o professor a observa para conhecê-la e atender seus interesses e curiosidades, para refletir sobre seu trabalho, para mudá-lo e aprimorá-lo constantemente.” (GOGOI, 2010, p. 102). Nessa perspectiva, a avaliação não julga ou limita as possibilidades das crianças, mas, de forma positiva constitui-se como instrumento que promove o desenvolvimento das mesmas.

O fato de a maioria das professoras não citar a reflexão sobre sua prática pode demonstrar um entendimento de avaliação como uma ferramenta estéril cuja única finalidade é apresentar aos familiares, ao final de um processo, os resultados obtidos, contrapondo-se aos objetivos da documentação pedagógica.

O movimento reflexivo deve ser prática constante pelos docentes ao buscar a promoção de aprendizagens significativas, considerando essas reflexões para nortear o planejamento das experiências oferecidas às crianças e impulsionar uma ação educativa mediadora.

Referências Bibliográficas

BASSEDAS, E.; HUGUET, T.; SOLÉ, I. **Aprender e ensinar na Educação Infantil**. Porto Alegre, RS: Artmed, 1999.

BECCHI, E. Os personagens na creche. In: BECCHI, E. *et al.* **Ideias orientadoras para a creche: a qualidade negociada**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FÜLLGRAF, J.; WIGGERS, V. **Projetos e práticas pedagógicas: na creche e na pré-escola**. Brasília: Liber Livro, 2014.

GODOI, E. G. **Avaliação na Educação Infantil: um encontro com a realidade**. Porto Alegre, RS: Mediação, 2010.

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação e Educação Infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre, RS: Mediação, 2012.

MICARELLO, H. Avaliação e transições na Educação Infantil. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas atuais**. Belo Horizonte, MG: 2010.

PACHECO, J. A. **O pensamento e a ação do professor**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1995.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

